

Sufrimento: o que é? Uma análise filosófica.

por Paulo Faitanin – UFF



Sufrimento

1. O sofrimento é fenômeno em nossas pequenas histórias de vida e coexiste conosco no mundo em todos os quadrantes terrestres. É inseparável da nossa existência terrena e toca profundamente a alma na dor moral, angústia, medo e tristeza e o corpo na dor física, doença, fome, sede, frio, calor e morte. Quanto mais transcende à nossa compreensão e independe de nossa vontade, nos são mais interrogadores. Se somente os bandidos sofressem talvez não nos interrogássemos tanto, mas crianças morrem de câncer e se torna inevitável perguntar: por quê? E no fundo de cada por quê? Emerge a pergunta: para quê?

2. O suposto silêncio divino ante à questão acerca do sofrimento humano fortalece a hipótese dos que defendem que só a razão poderá respondê-la e de que o indiferentismo divino é prova cabal de sua limitação ou inexistência: “Caso se admita um Deus todo-poderoso, a realidade do sofrimento leva a duvidar do seu amor. E, se se admite um Deus que ama, o sofrimento significa que Deus não é poderoso. Ora, um Deus que seja fraco ou que seja sem amor, não é Deus” .

3. Só a razão não responde o porquê e o para quê do sofrimento humano. Ela falha ao depositar suas únicas esperanças na própria razão e ao tratar o sofrimento como problema que requeira solução racional. A história conta-nos suas tentativas: a razão falha em sua resposta mitológica, ao delegar o fato do sofrimento à vontade dos deuses; é incompleta em suas respostas filosóficas, ao eliminá-lo, atrofiando algo da natureza humana [estoicismo], ao negá-lo como se não existisse [hedonismo], ao aceitá-lo como castigo que necessita purgação em sucessivas vidas [neoplatonismo e espiritismo], ao substituí-lo na busca do bem útil proporcional [utilitarismo, pragmatismo] ou sublimá-lo, confinando-o na mente [idealismo e psicologismo], ao assumi-lo em sua tragicidade [existencialismo, niilismo] ou amenizá-lo frente uma esperança científica sem limites [positivismo].

4. A razão falhará mesmo quando se aliar à fé, na tentativa de oferecer resposta religiosa, se esta crença for mal formulada ou se a razão apoiar-se em princípios que a conduzam ao erro ou ao engano: eliminar o sofrimento,

suprimindo o desejo [budismo]; propor sucessivas reencarnações [hinduísmo]; purgá-lo no corpo [islamismo], entendê-lo como castigo divino [judaísmo] e ao equivocar-se na formulação da fé e na interpretação do poder e providência divinos, enfraquecendo a Onipotência ou diluindo sua Providência [cristianismo].

5. Para penetrar esta questão é inevitável supor a razão, a existência de Deus e a moralidade humana, pois negar Deus, promover a cultura racional e propor uma moral científica, legalista, irresponsável ou livre, que se sustente na negação do outro, não o solucionará, senão que acentuará ainda mais a dolorosa tragicidade da vida, que nenhum pacto Faustino a livraria. Então, como abordar o tema do sofrimento humano sem prescindir da razão, de Deus e da moral?

6. Para muitos é imprescindível a razão e a moral, mas questionam se o é a existência de Deus e perguntam, supondo sua existência: que resposta daria Deus ao sofrimento humano? Diríamos que Deus não responderá eliminando quaisquer sofrimentos desta vida, mas proporrá um caminho para transfigurá-lo em amor, dando-lhe sentido e compreensão, segundo os insondáveis desígnios de Deus. Mas, como se dá a penetração na compreensão do sofrimento segundo a resposta de Deus?

7. Dá-se na aceitação de Deus como Sumo Bem, que não cria o sofrimento, nem o predestina a ninguém, que não ama ver os homens sofrer, que não é masoquista, mas que o permite para o próprio bem do homem. Poderá a nossa razão interrogar os desígnios da bondade e providência divina? Não! Pois, se pudéssemos interrogá-lo, Deus já não seria mais Deus e não necessitaríamos d'Ele para tal [Jr 12, 1-5; Jó 38, 2: 'Quem é esse que obscurece meus desígnios com palavras sem sentidos?'; Sl 10, 22-25]. Mas, aceitando tudo isso o que prova o comprometimento divino com o sofrimento humano? O seu amor pelo homem revelado na morte expiatória de seu Filho: com Cristo Deus tornou-se cúmplice de nossas dores, divinizando-as: Cristo são as lágrimas de Deus pela dor humana e a alegria e a esperança de que encontremos em Cristo a cura e a resposta para o sofrimento.

8. Como se vê, a resposta que procede do concílio da razão com a fé bem formulada é pedagógica e soteriológica: Cristo – única Palavra que penetra, responde e revela a verdade do sofrimento humano ao homem, na aceitação e compreensão da dor pela paixão de Cristo, completando na carne o que faltou à paixão de Cristo [Cl 1,24]. Então, como entender o sofrimento humano?

Não como problema, mas como mistério salvífico que supõe o empenho da razão e depende para penetrá-lo do auxílio da graça.

9. Eis a exigente e paradoxal resposta cristã: o sofrimento não é problema que a razão solucione, mas parte do mistério da salvação humana, que a razão penetra à luz do auxílio divino, que revela ao coração humano o seu mistério de piedade, dando-lhe sentido, conforto e cura: eis sua função pedagógica e soteriológica. Por que o sofrimento? Responderemos pautados no mistério da iniquidade humana: por causa do pecado! E à pergunta: para quê o sofrimento? Responderemos pautados no mistério da piedade divina: para redimir o pecado! Tentaremos a seguir expor a raiz do sofrimento humano segundo Tomás de Aquino [1225-1274], a partir de suas doutrinas antropológica e teológica apresentadas na *Suma Teológica*, I-II, q.35-39 e na III, q.46-50, buscando sempre dialogar com o pensamento contemporâneo.

10. Mas o que significa sofrimento humano? Sofrer é padecer! É a alma que sofre, mesmo quando o corpo padece. Se sofrer é padecer: que tipo de padecimento é o sofrimento? Há duas categorias de padecimento na alma: (1) positivo: padecer algo bom na alma – virtude e graça ou no corpo – saúde e perfeição; (2) negativo padecer algo mau por aquisição – na alma: vício, ódio, ignorância ou no corpo: cegueira, surdez; ou por privação – na alma: virtude, amor, e sabedoria ou no corpo: visão, audição. O sofrimento é padecimento que priva a natureza de algum bem. Por isso, *o sofrimento é paixão da alma*: (1) enquanto mera recepção própria da alma: como o sentir e o compreender são, de certo modo, padecer; (2) enquanto recepção acompanhada de exclusão na matéria por transmutação corporal: (a) para melhor, quando o corpo de um animal é curado e recebe saúde, sendo a doença eliminada ou (b) para pior, quando o corpo de um animal é doentio e recebe doença, sendo a saúde eliminada. Portanto, o sofrimento é paixão da alma enquanto é efeito da privação de algum bem na natureza.

11. Quais os tipos de sofrimento? Vimos que a alma pode padecer algo bom ou mau; mas, o que a alma padece se traduz em dor ou prazer: Em prazer quando se dá o contentamento da alma pelo padecer algo bom e em dor quando se dá o sofrimento da alma pelo padecer algo mau. Mas, há dois tipos de sofrimento: dor moral [culpa pelo pecado] e dor física [pena]. A dor física pode ser natural [prevista segundo a limitação da matéria] ou penal, [padecida por consequência da dor moral]. Que nome melhor traduz o sofrimento? Responderemos: dor! Pois o sofrimento é o padecer por certa dor, dor no corpo ou na alma. Por isso, em Tomás de Aquino sofrimento é sinônimo de

dor. A história do sofrimento humano será a própria história do mal na humanidade e a história deste mal será a própria história do pecado. Pautados no anterior podemos dizer que o sofrimento é padecimento de dor pela alma, em razão da privação de bens espirituais ou corpóreos que a limita e a priva de alcançar alguma perfeição devida.

12. Qual é o remédio para o sofrimento? Tomás de Aquino aponta alguns remédios que se não curam apaziguam a dor durante esta vida: para a dor da alma: as lágrimas, os amigos e a verdade e para a dor do corpo: certos prazeres honestos que aliviam o mal e repousam no bem, o sono, o descanso e as medicinas. É a morte o cume do sofrimento humano desta vida? Devido à sua capacidade de consciência, a morte aparece ao homem como máxima evidência do mal. Contudo, a morte não é, para o homem, a consumação ou a personificação do mal. Ela é o efeito da privação de um bem para a natureza, que causa a corrupção do corpo, mas não se destrói plenamente a natureza. Neste sentido podemos responder não, se a morte não significa salvação, mas sim se ela significa a última esperança depois de uma vida santa, consciente do sofrimento por amor, para a libertação do sofrimento.

13. A pedagogia divina ensina que somente em Deus, pela cruz, pelo compromisso moral na aquisição de virtudes, penetramos na ambiência do mistério do sofrimento humano, enquanto torna o homem dócil para a graça de Deus: único remédio salutar para a maldade e sofrimento humanos. A virtude dispõe, mas é a graça que corrige e cura. Nem Jesus, filho de Deus feito Homem, naquela madrugada no Getsêmani [Mt 26, 36-46] deixou de sentir em toda a sua força o pavor que a morte e o sofrimento inspiram ao homem; experimenta e exprime o desejo natural de escapar dela, embora o reprima pela aceitação da vontade do Pai. Se Cristo tocou a nossa carne, nossas dores e sofrimentos se divinizaram, deixando de ser mera sanção ou punição, para ser instrumento de volta a Deus e purificação.

14. Para os que não crêem e negam sua existência a vida se torna inaceitável e inexplicável, não restando senão o nada e o pessimismo [nihilismo], o viver a vida no que de bom ela lhes possa proporcionar [utilitarismo, consumismo e hedonismo], cujos sinais mais evidentes são o da angústia e, não raras vezes, o suicídio. Para os que crêem e afirmam a Sua existência não é absurdo afirmar que a penetração deste mistério suponha cultivar a constante presença divina [sacramentos, virtudes etc], justamente porque o sofrimento se deu por sua ausência. Ademais, isso não é contraditório, por termos sido criados à sua imagem e semelhança.



15. Enfim, a aceitação do mistério da iniquidade humana, cujo efeito é o sofrimento humano, exige a penetração no mistério da piedade divina; pois o sofrimento humano clama a existência de um Deus que, somente sendo único e sumamente bom, explicaria o fato de, na gratuidade do Amor, sem eximir o homem de sua responsabilidade, ter-se tornado cúmplice do sofrimento humano, na doação da Pessoa do Seu Filho, à dor e à morte de Cruz, ara cura e redenção da dor humana.

16. É escandaloso e paradoxal, mas não contraditório que Deus de Amor possa fazer isso em cumplicidade com a dor humana e que se exija o mesmo de nós a favor do outro, ante o sofrimento no mundo. A aceitação do sofrimento de Cristo por nós, como remédio salutar para a natureza caída, dispõe o homem, pela graça, a transcender a culpa, a pena e a dor e, pelas virtudes, a encontrar no modelo do novo Adão, o sentido da vida e do bem que é subjacente ao sofrimento humano.